

S U M Á R I O

LIVRO I

I

DA INFORMAÇÃO ORAL

1 SÍMBOLOS E SINAIS — 2 A COMUNICAÇÃO MANUSCRITA EM ROMA — 3 O periódico parado — 4 Inexistência de jornalismo — 5 Edição e circulação de livros — 6 A Epístola informativa — 7 A COMUNICAÇÃO VERBAL NA IDADE MÉDIA — 8 A poesia e o conto — 9 Trovadores e jograis — 10 O tráfego das notícias — 11 Liberdade e repressão da crítica ambulante — 12 As cantigas mordazes dos Portugueses — 13 Acção política do jorgalismo na Inglaterra — 14 A trama narrativa das gestas — 15 O espírito cavaleiroso em Portugal — 16 A inútil tipografia do Oriente.....

11 a 30

II

DA INFORMAÇÃO EPISTOLAR

1 A CRÓNICA E A NOTÍCIA — 2 Novidadeirismo dos livros portugueses de linhagens — 3 Códices conventuais — 4 PAPIRO, PERGAMINHO E PAPEL — 5 Introdução do papel de chife em Portugal — 6 A carestia do pergaminho e o funesto expediente do palimpsesto — 7 Danos causados aos manuscritos pela intolerância, pelo desmazelo e pela subtracção — 8 Petrarca e a sua paixão pelos textos clássicos — 9 Valor dos apógrafos e luxo das decorações e encadernações medievais — 10 O CORREIO — 11 O jornalismo deve-lhe mais do que à tipografia — 12 Meios de comunicação na Antiguidade — 13 Cursores, pombos-correios e mensageiros da Idade Média — 14 A criação da posta na Europa — 15 A CARTA NOS SÉCULOS XVI, XVII E XVIII — 16 Conteúdo jornalístico e crescente periodicidade — 17 Informação minudente, precisa e actual: Peiresc — 18 Leitura em comum e circulação: Mme. de Sévigné — 19 Cartas para o público: Aretino — 20 A minguada epistolografia portuguesa

31 a 54

III

DA GAZETA MANUSCRITA

1 NOVIDADEIROS DE RUA E DE CAFÉ — 2 Bolsa de notícias — 3 O gazetier à-la-bouche — 4 A CARTA-NOTICIOSA — 5 Informadores profissionais — 6 O jornalismo literário — 7 O PERIDIÓCO A MÃO — 8 Organização, redacção, reportagem, noticiário internacional, tiragem e expedição de um gazetim — 9 Clandestinidade — 10 Perseguição — 11 Nouvelles autorisées et nouvelles de contreband — 12 Cabaud de Rambaud: a nouvelle burinée — 13 A opinião pública e os novidadeiros de boca e de pena — 14 Em Portugal.....

55 a 72

IV

DA LETRA DE FORMA

1 A XILOGRAFIA — 2 Pródromos da impressão tabulária: imagens de santos e cartas de baralho — 3 Textos literários em madeira — 4 A TIPOGRAFIA — 5 Pseudos-precursores da escrita artificial — 6 Gutenberg e o descobrimento dos tipos de metal — 7 A “Bíblia de 42 Linhas” — 8 Faust & Schoeffer — 9 Primeiras impressões fora da Alemanha — 10 A glória do Moguntino — 11 Disseminação quatrocentista da tipografia — 12 Oficinas e incunábulo portugueses — 13 FISIONOMIA DO LIVRO DE FORMA — 14 Aldo Manuzi — 15 Abandono dos modelos manuscritos — 16 O PRELO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XV E XVI — 17 Escassez de material e falta de gravadores — 18 AS LETRAS MÓVEIS NO NOVO MUNDO — 19 Do México ao Centro e ao Sul do continente — 20 Nas reduções do Paraná — 21 No Rio da Prata — 22 Na América Inglesa — 23 No Brasil — 24 A BIBLIOFILIA — 25 Coleções particulares — 26 Devastações e pilhagens — 27 Livrarias públicas — 28 Benjamin Franklin..... 73 a 102

V

DA GAZETA IMPRESSA

1 FOLHAS VOLANTES — 2 O LIMIAR DO PERIODISMO — 3 Os “weekely newes” — 4 A “Gazette” de Renaudot — 5 A “Gazette Burlesque”, o “Journal des Sçavants” e o “Mercure Galant” — 6 Na Itália e na Espanha — 7 O PERIÓDICO NA AMÉRICA — 8 Depois do México, Guatemala, Peru e Cuba — 9 Brasil — 10 O “Boston News Letter” e o periodismo na América Inglesa... 103 a 116

VI

DA LIBERDADE DE IMPRIMIR

1 QUANDO AS MAIORIAS SECUNDAM AS MINORIAS — 2 Antagonismo de dois sucessos semelhantes — 3 A Inquisição desejada e aplaudida pelos Portugueses — 4 Porque os Ingleses desprezaram os ideais democráticos no século XVII — 5 QUANDO AS MAIORIAS DESAFIAM AS MINORIAS: ORIGEM E TERMO DA OPRESSÃO — 6 ADIANTA-SE A IGREJA NA REPULSA AO PRELO — 7 A REPRESSÃO NA FRANÇA: SEQUESTROS, PRISÕES E SUPLÍCIOS — 8 Esmorecimento: as permissões tácita e clandestina: Malesherbes — 9 A revolução e o pensamento livre — 10 A REPRESSÃO NA INGLATERRA: ELIZABETH A CÂMARA ESTRELADA E O LONGO PARLAMENTO — 11 A grande voz libertária de Milton — 12 A silenciosa proclamação da liberdade de imprimir em 1695: Locke — 13 Nasce a imprensa literária e política: Defoe, Swift, Steele e Addison — 14 Conceito de Macaulay sobre a liberdade e a dignidade do jornalismo inglês — 15 A REPRESSÃO NA ESPANHA — 16 PRIORIDADE DA HOLANDA NA LIBERDADE DAS LETRAS IMPRESSAS: CIRCULAÇÃO E IMPORTÂNCIA DAS SUAS GAZETAS — 17 DECADÊNCIA ACTUAL DA IMPRENSA: incapaz a tipografia de corresponder à velocidade da notícia — 18 A ERA DO RÁDIO..... 117 a 138

LIVRO II

I

PRIMEIRAS INFORMAÇÕES DO BRASIL

- 1 O PORTUGAL PRODIGIOSO DO RENASCIMENTO — 2 Gente “dura e robusta” — 3 Fruto pendente na passagem de Calicut — 4 PRIMEIRAS NOTÍCIAS DO BRASIL — 5 O sigilo dos descobrimentos — 6 VESPÚCIO, o JORNALISTA DA AMÉRICA — 7 Cartas de Colombo — 8 Porque o Florentino arrebatou a glória ao Genovês — 9 A espionagem italiana em Lisboa — 10 O BRASIL EM MODA NA EUROPA: as narrações de Thevet, Léry, Staden e Schmidel — 11 Disputam os Franceses a prioridade e a posse americana dos Portugueses — 12 O reino humorístico de Villegaignon — 13 O “fureur brésilien” na França: índios por toda parte — 14 Ronsard e Montaigne, os fundadores ilustres do indianismo literário..... 141 a 160

II

MEIOS COLONIAIS DE COMUNICAÇÃO

- 1 A ALCATEIA LUSITANA — 2 A fé e o império — 3 Sentido camoniano das navegações — 4 O direito de Portugal sobre o Brasil — 5 Nassau e os harpagões de Amsterdão — 6 A “vida segura e conversavel” dos povoadores lusitanos — 7 FROTAS DO REINO — 8 Originalidade e grandeza da obra civilizadora de Portugal — 9 REMOS E VELAS DA TERRA — 10 O LOMBO DO BURRO — 11 O CORREIO — 12 Meios indígenas de comunicação — 13 A fundação do correio do mar entre a Metrópole e a Colónia — 14 Ensaios para a instalação do correio de terra — 15 S. Paulo repele e Vila Rica adopta, sem êxito, o serviço de cartas com o Rio de Janeiro — 16 A inútil lembrança de Cunha Meneses — 17 O morgado de Mateus foi o criador do primeiro correio colonial. — 18 O correio de terra em 1808 — 19 Notas e depoimentos sobre a primitiva prática postal..... 161 a 182

III

A IMPOSSÍVEL CIVILIZAÇÃO DO GENTIO

- 1 A ACÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL: dificuldades do seu exame — 2 Sentido universalista, utilitário e combativo da Ordem de Loiola — 3 O SONHO DESFEITO DA CATEQUESE: os meninos e os piás — 4 Portentismo e milagrismo dos Padres — 5 Desengano de Nóbrega e Anchieta: depoimentos profanos — 6 A OPULENTE REALIDADE DAS COISAS TEMPORAIS: vaticínio de Borja, testemunho e protestos coevos — 7 A LUTA PELO BRAÇO ESCRAVO — 8 Os jesuítas nunca se opuseram ao cativo do índico e sempre defenderam o do

negro: escravocratas no Brasil e traficantes na África — 9 O voto de Vieira — 10 Estratagemas, querelas e motins — 11 FASTÍGIO E ARROGÂNCIA DA COMPANHIA: alfândegas e não colégios — 12 Fulminação do seu mercantilismo pelos papas, pelos reis e até pelos gerais da Ordem — 13 Os jesuítas expulsos dos países católicos: a bancarrota do Pe. Lavalette — 14 A PUBLICIDADE JESUÍTICA E A VERDADE SOBRE O SEU MALOGRADO EVANGELISMO: a desapareição do gentio — 15 O apostolado das outras ordens religiosas e o sangue dos colonizadores — 16 Os jesuítas administravam apenas 35% dos aldeamentos dos índios.....

183 a 202

IV

O ENSINO ANTES E DEPOIS DE POMBAL

1 Os COLÉGIOS DOS JESUITAS: esplendor das suas festas — 2 Atração do anel e do capelo — 3 Ser da Companhia, supremo sonho da juventude — 4 Os VERDADEIROS MESTRES DO BRASIL: leigos, frades e padres seculares — 5 Professores civis quinhentistas — 6 Magna colaboração das ordens monásticas — 7 Professores pernambucanos de 1757 — 8 TODA A INSTRUÇÃO PAGA PELA METRÓPOLE: gratuidade dos cursos — 9 MONOPÓLIO JESUÍTICO DO ENSINO NO REINO: o Colégio das Artes e as Universidades de Coimbra e de Évora — 10 Pedagogia retrógrada e funesta — 11 A REACÇÃO LIBERAL DOS ORATORIANOS: Luís António Verney — 12 A REFORMA DE POMBAL: o maior acontecimento da vida mental portuguesa — 13 Reorganização da Universidade de D. Francisco de Lemos — 14 Instrução primária e secundária, leiga e gratuita — DIFUSÃO DAS AULAS NA COLÓNIA, APÓS 1759: desenvolvimento da consciência brasileira.....

203 a 220

V

SURTO E OPRESSÃO DO PENSAMENTO ESCRITO

1 DO PAPAGAIO AO ALGODÃO: noticiário europeu das realidades brasileiras — 2 POETAS E PROSADORES COLONIAIS — 3 Trabalhos tardiamente ou nunca publicados — 4 A triste sina da “Flora Fluminense” — 5 Literatura científica e circunstancial do Brasil Holandês — 6 CARÊNCIA DE LIVROS NA COLÓNIA — 7 PRIMÓRDIOS DO PERIODISMO LUSITANO — 8 A “Gazeta” de Manuel de Galhegos — 9 Jornalismo de António de Sousa de Macedo e de Monterroyo Mascarenhas — 10 A imprensa portuguesa da Inglaterra — 11 O OBSCURANTISMO DAS LETRAS: censura literária — 12 Censura jornalística — 13 A INQUISIÇÃO NO REINO: combate à inteligência — 14 A tragédia do grande Damião — 15 A INQUISIÇÃO NO BRASIL: tolerância dos diocesanos — 16 Visitações em Pernambuco e Baía — 17 O auto-de-fé do Dr. Pangloss — 18 CONSEQUÊNCIAS DO SANTO OFÍCIO: “Jesus, estávamos quietos!” — 19 A SÁTIRA VERBAL, O PASQUIM E A FOLHA VOLANTE: dissabores do morgado de Mateus — 20 A acção da palavra na Inconfidência Mineira — 21 Tiradentes, o grande poeta de Vila Rica — 22 A acção do pasquim na intentona dos “alfaiates” baianos — 23 GREGÓRIO DE MATOS, NOVIDADEIRO, PANFLETÁRIO E ICONOCLASTA — 24 GONZAGA, SATÍRICO, MORALISTA E CONSERVADOR — 25 O PERIODISMO MANUSCRITO PORTUGUÊS — 26 O “Folheto de Lisboa” — 27 A “Gazeta em forma de carta” — 28 Reportagem do invento de Bartolomeu de Gusmão em 1709

221 a 258

VI

METAMORFOSE POLÍTICA DAS ACADEMIAS LITERÁRIAS

1 POMBAL E A SUA CONTA DE PARTICIPAÇÃO COM O FUTURO — 2 RIGOR E TOLERÂNCIA DA REAL MESA CENSÓRIA — 3 A fresta das licenças condicionais — 4 A CENSURA LITERÁRIA SOB D. MARIA I — 5 Ineficácia da Real Mesa da Comissão Geral — 6 Restauração da censura tríplice — 7 A circulação clandestina no Reino — 8 O CONTRABANDO DE LIVROS E GAZETAS NO BRASIL — 9 Bibliotecas coloniais — 10 As ACADEMIAS LITERÁRIAS — 11 Esquecidos — 12 Felizes — 13 Selectos — 14 Renascidos e o seu plano de estudos históricos — 15 Academia Científica — 16 Sociedade Literária — 17 A suposta Arcádia Ultramarina: Basílio da Gama, único árcade brasileiro — 18 A FASE POLÍTICA DA SOCIEDADE LITERÁRIA — 19 Silva Alvarenga, Mariano da Fonseca e o Desembargador Dinís — 20 O processo dos jacobinos fluminenses — 21 ADIANTA-SE A COLÓNIA SOBRE A METRÓPOLE NA PARTE FINAL DO SÉCULO XVIII.....	259 a 280
--	-----------

VII

DOS CLUBES SECRETOS ÀS LOJAS MAÇONICAS

1 O SEMINÁRIO DE OLINDA: o Bispo Azeredo Coutinho — 2 Os CLUBES SECRETOS: o Areópago de Itambé — 3 A Conspiração dos Cavalcanti — 4 Academias e oficinas do Recife, Cabo e Igarauçu — 5 A MAÇONARIA: seus fins estritamente políticos — 6 Primórdios em Portugal — 7 Introdução na Colónia — 8 O primeiro Grande Oriente do Brasil — 9 O Alvará de 1818 — 10 O GRANDE ORIENTE DA INDEPENDÊNCIA — 11 O Apostolado: seus fins reaccionários — 12 FECHAMENTO DO GRANDE ORIENTE E PERSEGUIÇÃO AOS PEDREIROS-LIVRES LIBERAIS — 13 FECHAMENTO DO APOSTOLADO — 14 INFLUÊNCIA DA MAÇONARIA AMERICANA DA EUROPA SOBRE AS LOJAS BRASILEIRAS: Francisco Miranda e Hipólito da Costa — 15 A DIPLOMACIA MAÇONICA E A DOCTRINA DE MONRÖE — 16 SITUAÇÃO DO BRASIL NOS COMEÇOS DO SÉCULO XIX — 17 INFLUÊNCIA POLÍTICA SOCIAL E ARTÍSTICA DOS PADRES E FRADES BRASILEIROS.....	281 a 308
---	-----------

VIII

AFINAL, A TIPOGRAFIA

1 TARDE CHEGOU A LETRA DE FORMA AO BRASIL — 2 Esforços vãos de Nassau no Recife — 3 O tipógrafo anónimo de 1706 — António Isidoro da Fonseca e a sua efémera oficina do Rio de Janeiro — 5 A façanha calcográfica do Pe. Viegas de Meneses em Vila Rica — 6 A IMPRESSÃO RÉGIA: D. Rodrigo e António de Araújo — 7 Tipos e um tórculo para Montevideu — 8 Primeiros gravadores — 9 Prioridade dos falsificadores de baralhos — 10 Principais obras impressas de 1808 a 1822 — 11 TIPOGRAFIAS DO RIO EM 1821 E 22 — 12 TIPOGRAFIAS DA BAÍA, S. LUÍS, RECIFE E BELÉM ATÉ 1822: a oficina dos revolucionários pernambucanos — 13 Madureira Pará e o bacharel Patroni — 14 A CENSURA LITERÁRIA SOB D. JOÃO — 15 ADVENTO DA LIBERDADE DE IMPRENSA: acção imediata dos vintistas — 16 O capcioso decreto de 2 de Maio, do gabinete do Rio de Janeiro — 17 O artigo 8.º das Bases da Constituição

— 18 D. PEDRO EXTINGUE DEFINITIVAMENTE A CENSURA PRÉVIA NO BRASIL: o aviso de 28 de Agosto e a questão do anonimato — 19 Penitencia-se o governo da sua primeira arbitrariedade — 20 Regulamentação da liberdade pelo decreto de 18 de Junho: introdução do júri no Brasil — 21 Os PERIÓDICOS ANTES DE JUNHO de 1821: officiosos ou inofensivos — 22 A “Gazeta do Rio de Janeiro” — 23 A “Idade d’Ouro do Brasil” — 24 “As Variedades” — 25 “O Patriota” — 26 O “Semanário Cívico”..... 309 a 340

IX

O FUNDADOR DA IMPRENSA BRASILEIRA

1 HIPÓLITO DA COSTA: da Colónia do Sacramento ao Rio e a Coimbra — 2 A viagem aos Estados Unidos: iniciação liberal — 3 O CRIME DE MAÇONERIA: prisão no Limoeiro — 4 A missão secreta na Inglaterra e o ministro D. Rodrigo — 5 Nos cárceres da Inquisição — 6 Fuga para Londres — 7 O “CORREIO BRASILENSE”: primeiro periódico livre de Portugal — 8 Catorze anos de acção honesta, serena e justa — 9 Governos civis e melhor administração para a colónia — 10 Publicidade das contas officiais, participação dos brasileiros no Estado e equiparação do Domínio à Metrópole — 11 Advogando desde 1814 a permanência da corte no Brasil — 12 Monopólios, tributos e substituição gradual do escravo negro pelo colono branco — 13 EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO POLÍTICO DE HIPÓLITO: partidário da monarquia representativa e do Reino-Unido — 14 Defesa das liberdades: a liberdade de imprensa — 15 O famoso paralelo entre as instituições de Portugal e da Inglaterra: ataque ao absolutismo — 16 Adesão à Revolução do Porto — 17 O primeiro a reclamar cortes legislativas para o Brasil — 18 Combate ao sistema divisionário do Congresso de Lisboa: a revocação de D. Pedro — 19 A caminho do Ipiranga — 20 Cumpre o “Correio” o seu destino — 21 O “CORREIO BRASILENSE” ODIADO E PERSEGUIDO: Hipólito à sombra das leis inglesas — 22 Um processo abortado e uma expulsão impossível: Hipólito cidadão britânico — 23 Frustrada tentativa de suborno: Hipólito incorruptível — 24 Proibição do periódico e bafejo de libelos e de folhas concorrentes: “O Investigador”, “O Campeão Português” e “O Português” — 25 O FIM: um sonho tardio, uma missão graciosa e um prémio que não chegou a tempo — 26 Pobreza e esquecimento..... 341 a 364

X

O JORNALISMO FLUMINENSE DA INDEPENDÊNCIA

1 A IMPRENSA APÓS A LIBERTAÇÃO DO PENSAMENTO ESCRITO — 2 PANFLETOS E FOLHETOS SERIADOS: “O Alfaiate Constitucional”, a “Sabatina Familiar”, o “Despertador Brasileiro”, o “Compilador Constitucional”, a “Heroicidade Brasileira”, a “Reclamação do Brasil” e os “Anais Fluminenses” — 3 Aventuras do autor da “Correspondência Turca” — 4 “O Papagaio”, “O Macaco Brasileiro”, “O Constitucional”, “O Volantim”, a “Causa do Brasil”, o “Império do Equador” e o “Roteiro Brasílico” — 5 O DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO: Zeferino Vito de Meirelles e a sua iniciativa de um quotidiano informativo — 6 Um crime misterioso — 7 O “REVÉRBERO CONSTITUCIONAL FLUMINENSE”: desenvolvimento da sua acção política — 8 Convocação do Conselho de Procuradores e da Assembléa Constituinte — 9 Defesa das prerrogativas

populares — 10 A ratificação da Independência pela aclamação e a cláusula do juramento prévio — 11 Triunfo e sacrifício dos liberais — 12 JOAQUIM GONÇALVES LEDO: o político, o jornalista e o tribuno — 13 Perseguição e fuga — 14 Regresso: decepção e conformismo — 15 O declínio: vinte meses de glória e vinte anos de obscuridade — 16 O CONEGO JANUÁRIO — 17 O ESPELHO: o melhor repositório de factos — 18 A “MALAGUETA”: sua popularidade — 19 O sensacional espancamento do redactor Luís Augusto May — 20 Afinal, quem foi o mandante do assassinato? — 21 O “CORREIO DO RIO DE JANEIRO”: João Soares Lisboa, o melhor jornalista do tempo — 22 O primeiro a lembrar no Rio a convocação da Constituinte — 23 O primeiro a sofrer processo por crime de imprensa — 24 Proibição do periódico e desterro do redactor — 25 O “Correio” redigido da Cadeia Pública — 26 Lisboa, indultado, desce no Recife e morre combatendo pela liberdade — 27 O “REGULADOR BRASÍLICO-LUSO” DE FREI SAMPAIO: primeira folha subvencionada pelos cofres públicos.....

365 a 402

XI

O JORNALISMO PROVINCIANO DA INDEPENDÊNCIA

1 A “AURORA PERNAMBUCANA”: Rodrigo da Fonseca Magalhães — 2 A “Segarrega” de Mena Calado — 3 “O Relator Verdadeiro” do Pe. Ferreira Barreto — 4 “O Conciliador Nacional” de Fr. Lopes Gama — 5 “O Maribondo” do Pe. Marinho — 6 A “Gazeta Pernambucana” de Manuel Clemente Cavalcante — 7 O “DIÁRIO CONSTITUCIONAL” da Bafa: Corte Real e Montezuma — 8 Enfrentando a “Idade d’Ouro”, o “Semanário Cívico” e mais cinco pasquins chumbeiros — 9 Indignação de Madeira contra o nacionalismo do “Constitucional” — 10 O primeiro empastelamento ocorrido no Brasil — 11 Renasce o periódico na Cachoeira — 12 O “PARAENSE”: esforçam-se os portugueses por destruí-lo — 13 Patroni preso e removido para Lisboa — 14 Substitui-o o Pe. Baptista Campos, que, após duas prisões e um espancamento, foge, desaparecendo o periódico — 15 O “Luso-Brasileiro” — 16 Novas vicissitudes de Baptista Campos — 17 O fio da meada cabanista — 18 Morte do agitador — 19 Camecran e o Pe. Pereira da Serra — 20 O “CONCILIADOR DO MARANHÃO”: Costa Soares e o Pe. Tézinho — 21 Um periódico acintosamente anti-brasileiro — 22 “A Folha Medicinal” e “A Palmatória Semanal”.....

403 a 426

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO.....

427 a 436